

BIBLIOTECA APEG

PEQUENOS ESCRITORES

(Premiados nos Concursos APEG de literatura)



Todas as fotos dos concursos se encontram em nossa página do Facebook.

facebook.com/associacaodepoetaseescritoresdegarca/

Índice

Número das páginas possuem links

CAL I - 2012

(Tema: Afrodescendentes)

- As marcas da escravidão – [p.03](#)
- Garça tem muito a relatar – [p.05](#)
- A história sobre os afrodescendentes – [p.06](#)

CAL II - 2013

(Tema: (D)eficiência)

- Avenida – [p.10](#)
- Convivendo com a independência – [p.11](#)
- Pessoas com deficiências – [p.12](#)

CAL III - 2014

(Tema: Direitos dos animais)

- Quem são os dignos de elogio? – [p.13](#)
- Aquele dia Dezembro – [p.14](#)
- Minhas recordações – [p.15](#)

CAL IV - 2015

(Tema: Relação Homem e Máquina)

>Categoria Poesia

- A máquina em nossas vidas – [p.16](#)
- O domínio – [p.17](#)
- Tecnologia acelerada – [p.18](#)

>Categoria Prosa

- Destruidor de bons pensamentos – [p.19](#)
- O efeito da tecnologia nos jovens de hoje – [p.20](#)
- Relação homem-máquina – [p.21](#)
- Relação homem-máquina – [p.22](#)

CAL V - 2016

(Tema: Minha Cidade de Garça)

>Categoria Poesia

- Minha cidade de Garça – [p.23](#)
- Minha cidade é pequena – [p.25](#)
- Minha cidade – [p.27](#)

>Categoria Prosa

- A fantástica cidade de Garça – [p.28](#)
- Garça – [p.29](#)
- Um dia sabendo sobre Garça – [p.31](#)

CAL VI - 2017

(Tema: Histórias de meu Bairro)

>Ensino Fundamental

- Histórias do meu bairro – [p.32](#)
- O meu bairro em Garça – [p.33](#)
- No coração de Labienópolis – [p.34](#)
- Jardim Brasil e sua história – [p.35](#)
- Morada do Sol – [p.36](#)

>Ensino Médio

- Água do Castelo – [p.37](#)
- A história de Jafa – [p.38](#)

- João Paulo – [p.40](#)

>Texto Especial

- Texto da jornalista Doralice Ribeiro – [p.41](#)

CAL I - 2012

1º CONCURSO APEG DE LITERATURA

Ano 2012

(Tema: Afrodescendentes)

Ana Caroline Morata Boaventura - 7ªC

E.E. Professora Nely Carbonieri de Andrade

1º Lugar

AS MARCAS DA ESCRAVIDÃO

Junto aos portugueses veio a escravidão que marcou muito a população brasileira. Os escravos estavam presentes nas colônias, nos serviços domésticos e no trabalho agrícola.

O Brasil enriqueceu à base de torturas porque precisava de mão de obra e pessoas no trabalho pesado, por isso trouxeram os negros de vários países, principalmente da África.

Em Rio Claro havia uma fazenda que possuía vários escravos e entre eles havia um que se destacava por ser raquítico e se chamava Francisco, trabalhava nos serviços domésticos junto com sua mãe.

Era costume ir um padre nas colônias para rezar a missa, celebrar batizados e casamentos. Entre essas visitas o padre Luís após rezar a missa, foi almoçar junto ao fazendeiro e Francisco entrou na copa com uma grande bandeja. O fazendeiro vendo o menino disse ao padre: “Leve esse garoto, não tenho lucro com ele ...” e foi assim que Francisco foi adotado pelo padre.

Foi muito triste a separação da família e dos amigos. Sempre depois das missas e orações, o padre junto com um casal de idosos dava aulas para o garoto sobre as ervas medicinais. Alguns anos se passaram e aquele garoto tornou-se um homem, casou-se com Amélia e teve vários filhos. Arrumou trabalho como administrador em uma fazenda.

Com o passar do tempo o lugar se transformou em uma cidade chamada ‘Garça’ e lá havia só 3 casas, contando a de Francisco, que passou a trabalhar para o povo ajudando-o na cura de doenças e feridas com o auxílio das plantas e ervas. A cidade, que no começo era só uma vila, foi se expandindo com o passar do tempo e com ela a

fama de Francisco como curandeiro que inclusive chegou a adotar várias crianças que eram abandonadas pelos pais. Mas como todos nós temos que encerrar a nossa missão aqui na terra, ele encerrou a dele depois de ter uma doença na perna esquerda. Vários anos de tratamento, por fim havia acabado.

Nos dias atuais vemos as discriminações contra os afros- descendentes e seus antepassados e nos esquecemos de como sofreram como escravos, e apesar de tudo, muito contribuíram para o desenvolvimento de nossa cidade e nosso país.

1º CONCURSO APEG DE LITERATURA

Ano 2012

(Tema: Afrodescendentes)

Pâmela Garcia Leandro - 7ªC

E.E Professora Nely Carbonieri de Andrade)

2º Lugar

GARÇA TEM MUITO A RELATAR

Todos os afrodescendentes hoje em dia são muito importantes e devem ser lembrados, pois sem eles não teríamos todas as riquezas que há no Brasil, com todo o toque de cultura, religiosidade, arte, tradição...Colaboraram principalmente para o desenvolvimento dessa cidade maravilhosa que é Garça.

Quem se lembra de uma história real é o Sr. José Roberto Moisés relatando a história de seus queridos avós. “Numa noite fria e muito escura, escondidos, um senhor e uma senhora que eram escravos em Minas Gerais fugiram caminhando a pé sem parar, descalços, dia após dia, sem se alimentarem. Em uma cidade ainda pouco desenvolvida se acolheram. Assim começava a vida novamente, a avó era benzedeira com muito espírito religioso, o avô ajudava a preparar diversos tipos de “garrafões” naturais feitos com cascas de frutas, ervas... para serem vendidos após o benzimento, para ganharem dinheiro.” Tiveram filhos maravilhosos e muitos netos.

Assim o neto que tem muito orgulho dos avós, pretende repassar essa história de geração em geração. E eu Pâmela Garcia Leandro, espero que tenha conseguido passar um pouco mais sobre a vida de um casal maravilhoso de afrodescendentes que ajudou Garça a ser o que é hoje, uma cidade próspera e acolhedora, graças ao povo que nela residiu e reside até hoje.

1º CONCURSO APEG DE LITERATURA

Ano 2012

(Tema: Afrodescendentes)

Maria Julia de Oliveira Peres – 5º D

E.E Professora Nely Carbonieri de Andrade

3º Lugar

A HISTÓRIA SOBRE OS AFRODESCENDENTES

Há muitos anos aqui em Garça as pessoas negras eram muito desprezadas pelas pessoas brancas, tudo o que havia de bom era pra quem tinha muito dinheiro, por exemplo; no Tênis Clube só podia entrar pessoas ricas.

Além disso, até hoje se colocam apelido de “negrinho, pretinho...” para tentar ofender os afrodescendentes. Minha avó Antonia conta as histórias de como era a vida dela no tempo da infância, os namorados, o trabalho duro, a falta de dinheiro e principalmente o desprezo que sofria por ser negra, gorda, pobre...

Como as pessoas negras não eram bem vindas nos lugares muitas famílias se reuniam para contar histórias em frente de suas casas. Muitas famílias tinham sua religião e sua cultura, faziam remédios com ervas, plantas e bebidas, trabalhavam muito, mas eram muito felizes.

Apesar de ter passado muita dificuldade minha avó é muito feliz e sempre me diz “nunca escute os desprezos”, ela se orgulha muito por ser negra por isso me diz essas coisas e ela sabe que às vezes isso machuca por dentro. Deus nos fez todos iguais independentes de cor, religião, dinheiro, moradia... Somos filhos de um só Deus. Somos irmãos!

REUNIÃO APEG

No último domingo (21) a Associação de Poetas e Escritores de Garça realizou na Câmara Municipal o XIII Encontro Poético.

Criado e realizado de 1997 a 2000 pelo Movimento de Poético Garcense e retomado em 2004 pelo mesmo grupo, sendo no ano seguinte realizado pela recém-criada APEG este evento tem como objetivo a celebração da literatura local pela leitura de trabalhos de poetas e escritores ou homenageando um artista falecido. E desde a edição do ano de 1999 o Encontro vem realizado essas homenagens, sendo que na galeria de seus homenageados constam os nomes de Cesarino Avino Sêga (1999), Odilon Izar (2000), Gentil Gallis (2004), Gilberto Pieretti (2005), Lydia Guimarães Ginde (2006), Ary Lima (2007), Emília Bonilha de Carvalho (2008), Dalva Magalhães Parreira (2009), Alcyr da Rosa Lima (2010), Arthur Chekerdemian (2011) e, neste ano, Antônio Frabetti. E é a quarta vez que o Encontro é realizado na Câmara Municipal, sendo as outras nos anos de 2005, 2010 e 2011.

E o que se viu, com a casa de leis com todos os seus assentos tomados, fazendo necessária a colocação de mais cadeiras, foi uma noite dedicada à poesia, à música, ao teatro e – lembrado pela poetisa Vera Sganzela – uma noite dedicada à família.

O Encontro teve início às 20h com a execução do Hino Nacional e Hino à Garça e a abertura foi feita por Luiz Aparecido Cabral, diretor da Troupe Teatral Imagen/Ação. Após, Luiz Maurício Teck de Barros, primeiro presidente da APEG, fez um retrospecto dos encontros passados e depois poetas inscritos declamaram seus trabalhos e houve a apresentação dos músicos e professores José Alencar (acordeão) e José Roberto Moysés (percussão), ambos da Escola Municipal de Cultura Artística, que executaram três canções, sendo que uma acompanhada pelo coro da família Frabetti.

Novamente os poetas retornaram declamando seus trabalhos e depois foi a vez da apresentação da dupla Rondon e Marinheiro, que executou duas músicas do repertório de música raiz. Intercalando todas as apresentações musicais era realizado o sarau com a leitura de trabalhos inscritos.

No meio do Encontro foi realizada a homenagem ao poeta Antônio Frabetti. Fagner Roberto Sitta da Silva, presidente da APEG e mestre de cerimônias do Encontro chamou Vera Sganzela para que fizesse a leitura do poema o Velho General e depois a esposa do poeta para que falasse sobre sua vida. A senhora Hermínia Frabetti contou como era o poeta, sua trajetória, de que ele escrevia durante as viagens e que só mostrava aos outros os trabalhos depois de prontos; seus filhos também falaram

de como era o pai e, novamente, acompanhados por José Alencar e José Roberto, a família cantou o hino “À Garça” composto por Antônio Frabetti.

Como parte da homenagem, a associação ofereceu à senhora Hermínia um vaso de flores entregue por Maria do Rosário Sêga e um certificado da associação referente ao Encontro Poético, entregue por Vera Sganzela. Mais dois poemas foram lidos e houve mais outra apresentação musical, dessa vez com Eliane Mina que cantou a música Retratos e Canções.

Já para o final do Encontro, foi realizada a premiação do I Concurso APEG de Literatura. Vieram à frente as alunas da escola Nely Carbonieri de Andrade, Ana Caroline Morata Boaventura (1º lugar), Pâmela Garcia Leandro (2º lugar) e Maria Júlia de Oliveira Perez (3º) - juntamente com os membros da associação que participaram da escolha dos trabalhos e de José Roberto Moysés, Ângela Tocilo e Luiz Aparecido Cabral, que fizeram as palestras sobre o assunto abordado para a redação do concurso, que era a Contribuição dos Afrodescendentes para o Desenvolvimento do Município de Garça. Dentre as famílias de afrodescendentes que foram mencionadas durante a palestra, falou-se da família Policarpo.

A associação convidou esta família e também foi chamada à frente a enfermeira Marina Policarpo, que junto com seus familiares que se fizeram presentes na noite, contou à plateia a trajetória dessa conhecida família garçense. As ganhadoras leram seus trabalhos e receberam as homenagens dos membros da APEG e dos palestrantes.

Leram seus trabalhos naquela noite os poetas e escritores Luiz Maurício Teck de Barros, Leonor de Barros Zago, Antonio Ferreira da Silva, Faustino Fernandes Ranieri, Susy Mey Truzzi, Letterio Santoro, Luiz Idalgo e Fagner Roberto Sitta da Silva.

E, finalizando o evento, foram sorteados livros de Letterio Santoro; Luiz Idalgo cantou o poema de Letterio Santoro que musicou, a dupla Rondon e Marinheiro cantou mais duas canções e a família Frabetti retornou para que junto com os músicos fizessem o encerramento cantando A Chalana, composição de Mário Zan.

Segundo o presidente da APEG, o encontro foi um sucesso, o local estava lotado e estima-se (tendo com base os números entregues para o sorteio dos livros) que mais de cem pessoas prestigiaram o evento, dentre elas os familiares do homenageado que vieram de outras cidades, as famílias e amigos das ganhadoras do I Concurso, a família Policarpo e amigos e convidados da associação.

E agora a associação voltará os olhos para próximo Encontro Poético que acontecerá novamente em outubro em data ainda não marcada, mas próxima ao dia 20 (Dia do Poeta), e que já tem o nome do seu homenageado, Rui Mesquita. Também vale lembrar que é ótimo ver todos apeguianos (termo criado por Veridiana Sganzela) participando e contribuindo para o sucesso do evento, desde o seu planejamento até a noite em que cada um ajudou arrumando o local à recepção e acomodação dos convidados, da elaboração do roteiro ao registro de tudo em fotos, que podem ser vistas na página da APEG no Facebook. O sucesso do evento deve-se a toda a equipe.

A associação novamente agradece a todos que possibilitaram a realização de mais um Encontro Poético, à Biblioteca Municipal que recebeu as inscrições para o sarau, a Câmara Municipal por ceder o espaço para a realização do evento, a EMCA pela apresentação dos professores José Roberto e José Alencar e a imprensa, Jornal Comarca de Garça, Rádio Universitária e Radio Centro-Oeste.

CAL II - 2013

1º lugar

II CONCURSO APEG DE LITERATURA - (Tema: (D)eficiência)

Cinara Licerro, da EE Hatsue Toyota

Avenida

Um belo dia, uma garota estava sentada olhando através da janela de sua casa para o seu jardim. Pensando como a natureza era linda, e em como tudo era perfeito.

Ela escutava a mãe chamá-la, mal sabe ela que naquele dia aconteceria uma mudança em sua vida. Ela, junto com sua mãe, entra no carro, ela estava a um passo da realidade deste mundo. Para uma garotinha de 11 anos de idade, poder ver o mundo diferente, e as pessoas vê-la diferente, a partir daquele momento. Ao entrar na Avenida João Ribeiro, umas duas ruas acima de sua casa, ela vê uma luz e de repente escuta gritos de sua mãe. Não sabe se são de dores ou desespero.

Pronto! Lá estava ela, em cima de uma cama de hospital, começando a abrir os olhos para uma realidade. Sua mãe escuta bem baixinho: - Mamãe, não sinto minhas pernas. Cinco anos se passaram, aquela menina se tornou uma mulher, com um sorriso no rosto como de uma criança. Se olha no espelho todas as manhãs e diz para si mesma: “Deus não nos fez diferentes e sim todos iguais; o que nos torna diferentes são nossas mentes”.

Seus amigos e pessoas mais próximas a ela perguntam como é estar em uma cadeira de rodas, como é ser deficiente. Ela simplesmente responde que deficiente não é deficiente e nem coitado, e sim eficiente, pois ela mesma em uma cadeira de rodas não desistiu, nada a impediu de seus sonhos. E ela ajuda sua mãe, pretende trabalhar, estudar, ter filhos e uma família, ela é uma pessoa normal e sempre lutou para conseguir seus objetivos. Ela faz com que todos que estão perto dela deem valor a tudo que têm, a tudo que a vida oferece a eles. E fala pra eles que não é difícil você ter uma deficiência; o difícil é você sair dela, e se tornar eficiente, é difícil você se superar e ver do que você é capaz.

Pessoas começaram a olhar para ela diferente quando saía às ruas, ela escutava: “Como pode uma menina tão novinha assim”. E isso não a abalava, pois ela mesma sabia do quanto era capaz, e talvez se não estivesse em uma cadeira de rodas não saberia o quanto pode fazer de coisas boas para ela e para as outras pessoas. E ela ajuda as outras pessoas com deficiência a ver o quanto são eficientes e iguais a todos.

2º Lugar

II CONCURSO APEG DE LITERATURA Ana Caroline Morata Boaventura, da 8ª série C, da EE Nely Carbonieri de Andrade

Convivendo com a (in)dependência

Marina nasceu na Bahia com deficiência mental, sem movimento na mão esquerda e muda. Foi abandonada pelos pais, ainda recém-nascida, por falta de recursos financeiros para criá-la. Foi encontrada por uma ONG (que acolhia crianças abandonadas), na calçada em frente a uma loja de roupas, com apenas um lençol velho cobrindo-lhe o corpo. Assim que encontraram-na trataram de dar todos os cuidados necessários para a pobre menina.

Assim o tempo passou, quase todas as crianças acolhidas pela ONG foram levadas para um abrigo de adoção, inclusive Marina. Mas, ao completar 15 anos, viram que ela não seria adotada, por causa de sua deficiência, e teriam de resolver a situação em que a menina se encontrava, para não ficar sozinha no mundo. Foi levada à cidade de São Paulo, onde seria cuidada por uma família de japoneses, mas infelizmente foi abandonada novamente.

Nas ruas, com as esmolas que recebia, começou a ingerir bebida alcoólica, sofrendo assim meses de solidão. Certa ocasião, o prefeito de São Paulo instituiu que os moradores de rua fossem levados para o interior da capital, especificamente à cidade de Marília, onde iriam viver por si só, ou se tivessem sorte, seriam acolhidos por uma clínica. Infelizmente Marina não teve sorte em ser acolhida por uma clínica, ficando novamente abandonada, sem rumo e na solidão.

Mas, o destino tinha traçado boas linhas em sua vida. Certo dia, um casal a encontrou abandonada em uma esquina, com compaixão decidiram interná-la em uma clínica psiquiátrica, onde viveu por muitos anos, com todos os cuidados necessários. Depois de algum tempo Marina foi transferida para o hospital psiquiátrico em Garça, onde começou a desenvolver artes manuais, que pode vendê-los para seu próprio sustento.

O hospital desenvolveu uma campanha, para que seus pacientes recebessem a casa própria dentro do próprio hospital. E assim, o destino sorriu para Marina, com muita luta recebeu o seu lar. Hoje, aos 42 anos, Marina estuda no SESI, mesmo com sua deficiência remendou a solidão, as dificuldades e principalmente a tristeza, como colcha de retalhos, por isso posso dizer sem dúvida alguma que Marina realmente é vitoriosa!

3º Lugar

II CONCURSO APEG DE LITERATURA

Likou Shimizu Sumiyori, da 6ª série C
da EE Hilmar Machado de Oliveira

Pessoas com (D)eficiências

A história que vou contar foi a que meu pai me contou. Meu pai dá aulas de tênis de mesa (ping pong) na APAE, e ele fala que os alunos são muito esforçados e confiantes. Quando eles não conseguem jogar direito, eles não desistem e continuam até acertar, e quando eles conseguem, ficam muito felizes.

Meu pai diz que a cada aula que vai, recebe uma energia muito positiva, muito boa, que lhe dá vontade sempre de retornar. Ele também diz que eles são muito gratos com o que possuem, ao contrário de algumas pessoas que têm tudo e reclamam da vida.

Eu acho que eles são exemplos de vida, por lutarem por seus direitos, por isso merecem não só nosso respeito, mas também nossa admiração por irem muito mais longe com suas limitações do que muitos que se dizem perfeitos.

Esses sim, merecem o título de HERÓIS.

CAL III - 2014



EE HILMAR MACHADO DE OLIVEIRA

III CONCURSO APEG DE LITERATURA (III CAL)

TEXTO SELECIONADO DA ALUNA: ESTÉFANI GARCIA BARBOSA DA 7ª SÉRIE B

QUEM SÃO OS DIGNOS DE ELOGIO?

Em uma tarde de quarta-feira, cheguei em casa triste, mas, bastou olhar para aqueles olhos brilhando, alegres de me ver, que minha tristeza foi embora. Contudo, outros pensamentos invadiram minha cabeça, como é possível que alguém abandone um animal na rua, quando fazem isso eles não perdem apenas um bicho de estimação, perdem também um amigo leal que na maioria das vezes te consola sem dizer nenhuma única palavra.

Eles são mais leais que muitas pessoas que conhecemos hoje em dia, aquelas pessoas que conhecemos como “amigas”. Eles, independente da ocasião estão ali te esperando e te ajudando. São melhores que algumas pessoas que vemos, rudes, sem nenhuma consideração para com o próximo.

Quase todos os dias eu ouço as pessoas ofendendo umas às outras dizendo: “Seu Animal!” Mas eu acho que isso deveria soar como um elogio, porque, será que são eles que estão poluindo, destruindo, matando, dentre outras coisas?



EE HILMAR MACHADO DE OLIVEIRA

III CONCURSO APEG DE LITERATURA (III CAL)

TEXTO SELECIONADO DA ALUNA: LIKOU SHIMIZU SUMIYORI, 7ª SÉRIE C

“AQUELE DIA DE DEZEMBRO”

Num dia qualquer de dezembro de 2010, eu e minha mãe caminhávamos no lago quando encontramos uma cachorra de cria sentada debaixo de um banco.

Ela tinha um olhar triste e isso me fez lembrar da minha avó no seu leito de morte.

E depois desse encontro, nunca mais a vimos. Até que no dia 13 de janeiro de 2011, eu e minha família estávamos num piquenique no lago e a vimos caminhando lentamente com a sua barriga grande.

Na mesma hora, ofereci um pão a ela e ao pegá-la transferi todo meu carinho e afeto que eu podia ter a qualquer ser humano e senti que cuidar dela, era cuidar de mim.

Eu implorei para os meus pais deixarem ficar com ela, mas não concordaram; e mesmo assim não desisti.

Depois de duas semanas, consegui convencer meus pais e a levamos para casa. E em alguns dias, nasceram 7 filhotes.

Infelizmente só sobreviveu um filhote, mas ficamos com ele e a sua mãe.

Uma vez, ouvi uma frase que é assim: “Sejamos mais animais e menos humanos” e essa frase me fez refletir que o ser humano tem que deixar um pouco de seu egoísmo, de sua ambição e sermos um pouco mais como os animais: companheiros, carinhosos e compreensíveis.

Nome: Vitória Maria Alves Ferreira

Escola: Sesi CE – 267

MINHAS RECORDAÇÕES

Desde pequeno minha vida trouxe muitas recordações. Lembro-me que fui separado de minha mãe e colocado dentro de uma caixa, chorei e gritei, mas ninguém podia fazer nada por mim. Fui mandado para um lugar longe, acabei indo para o Brasil. Lá moraria em um circo. A primeira cidade visitada foi no interior de São Paulo, chamada Garça.

Logo conheci meu novo lar, o zoológico Belírio Guimarães. As pessoas me tratavam muito bem, mas os visitantes jogavam muitos objetos para me alimentar e não sabendo o que era eu acabava comendo.

Mesmo assim, uma vez, fiquei com dor no estômago e veterinários tiveram que fazer uma cirurgia, era o único jeito de tentar me salvar. Dentro de mim, foram encontrados pedaços de uma bola de futebol, caroço de manga, sola de sapato e até mesmo um filme de videocassete.

Os veterinários acreditavam que eu estava com um tumor no estômago. Naquela época pesava 400 quilos e tinha 40 anos, levei 300 pontos e só tomava remédio misturado com comida. Sem querer, ao coçar-me acabei abrindo os pontos.

Apesar de sozinho, posso dizer que fui feliz, sei que aquelas pessoas que jogavam “lixo”, crianças e adultos, não fizeram por mal e perdoos-os...

Mas quero dizer a todos:

“Não maltratem os animais!”

Meu nome é Príncipe e fui o único urso do zoológico de Garça.

Hoje, já não estou entre vocês devido à falta de consciência dos visitantes. Mas espero permanecer vivo na memória e nas ações de quem ainda cuida dos animais. Pense nisso!

CAL IV – 2015

NOME: João Henrique Custódio - 1º Lugar (Poesia)

ESCOLA: E.E. Hilmar Machado de Oliveira - ANO: 6º B

A MÁQUINA EM NOSSAS VIDAS

O homem e a máquina,
Uma coisa fácil de se ver,
Estão presentes em todo lugar,
No trabalho e no lazer

É praticamente impossível viver sem ela,
Para facilitar o trabalho,
use-a
Existem algumas para o lazer também

O computador, o celular e a T.V.,
São máquinas viciantes;
Quase ninguém vive sem
Veio ao mundo para ficar.

Agora uma pergunta para você:
Você vive sem máquina?
Não?
Foi o que eu imaginei.

Escola Sesi de Garça - **2º Lugar (Poesia)**

Leonardo Canuto Junior 6º Ano

O DOMÍNIO

Como pensar em uma máquina
Sem o domínio do homem
Ou um homem sem o domínio da máquina?
Levaremos em conta
Quantas vezes ela nos salvou?
Ou quantas nós a salvamos?

Como esperar um mundo melhor?
Se confiarmos que a máquina fará isto por nós
Porque trabalhar?
Se a máquina trabalhará por nós

Então porque viver?
Se a máquina viverá por nós
O futuro será nosso?
Ou das máquinas!
Nós vamos dominá-las?
Ou seremos dominados!

YSIS FIORANI GOULART ROMERO - 3º Lugar (Poesia)

EMEF “Prof. Edson José Puga”

TECNOLOGIA ACELERADA

Quando o homem avançou

A tecnologia acelerou

Quando o homem avançou mais

A tecnologia acelerou mais

O homem evoluiu?

A máquina mais ainda

Tecnologia acelerada?

Ou tecnologia lenta?

Não sei!

Somos verdadeiramente escravos

Escravos do quê?

Internet!?

Sem internet somos...

Completamente nada.

Quando jogo jogos no notebook

Me sinto nas nuvens

Mas quando a Internet cai...

Não vou nem falar.

EE Hatsue Toyota **1º Lugar (Prosa)**

Aluna: Ana Carolina Correia de Moraes 9º ano A

DESTRUIDOR DE BONS PENSAMENTOS

- Entregue-me seu celular agora!

Foi isso que meu pai disse, depois de eu ter desobedecido uma ordem dele.

- Mas pai, eu não vivo sem meu celular, ele é minha vida, meu tudo.

Persisti em não entregar aquela máquina, mas com os olhos cheios d'água e de cabeça baixa, eu entreguei.

Sei lá! Aquela foi a semana mais diferente e normal que já tive.

Estudei mais, conjuguei verbos e até dormi melhor.

Eu notei que aquela máquina estava me destruindo.

Literalmente eu estava virando um zumbi.

Uma dependente de uma máquina construída pelo homem.

Na outra semana meu pai me devolveu o celular.

- Filha! Está aí seu celular.

Mas já era tarde demais, eu já não queria mais aquela máquina que fala e manda mensagens, comanda sua vida, a dos outros e destrói pensamentos.

Eu já estava querendo um livro...

NOME: Likou Shimizu Sumiyori - 2º Lugar (Prosa)

ESCOLA: E.E. Hilmar Machado de Oliveira - ANO: 9º C

“O EFEITO DA TECNOLOGIA NOS JOVENS DE HOJE.”

Atualmente, a tecnologia está cada vez mais presente no dia-a-dia das crianças e dos adolescentes, e isso já está virando um grande problema.

Os jovens se sentem cada vez mais na grande necessidade de consumir o celular ou o computador mais moderno do mercado, ou estar em todas as redes sociais e ter vários seguidores, tudo isso para se sentir incluso na sociedade.

Antigamente, as crianças passavam a tarde inteira brincando nas ruas, lendo livros ou estudando; e agora eles passam o dia jogando videogames, ficando no computador ou celular.

Para fazer um trabalho de escola, por exemplo, os adolescentes ficam acomodados, pois com apenas um “clique” na tela do computador conseguem absorver todas as informações do mundo e antes as pessoas não tiveram esse acesso à todas essas informações.

As crianças e os adolescentes não conseguem mais viver sem a tecnologia, e vem a questão: “Será que toda essa facilidade da tecnologia, é realmente boa para o futuro desses jovens?”

EE Prof(a) Nely Carbonieri de Andrade - 3º Lugar (Prosa)

Brenda Mayumi Matsumoto - 8ºano A

RELAÇÃO HOMEM-MÁQUINA

Hoje em dia, em quase tudo que fazemos há tecnologia. Desde o preparo de algo, até as formas mais rápidas e eficazes de combater alguma doença.

O que para nós, crianças e adolescentes, é norma, para as pessoas mais velhas é como se fosse um mundo novo, bem diferente do que elas viviam anteriormente, na época em que nasceram.

As crianças tinham de usar sua criatividade para conseguir se divertir, pois não havia jogos on-line, nem mesmo vídeo games, que hoje são o sonho de consumo de qualquer criança ou adolescente. Antes, as meninas brincavam de bonecas usando sabugos de milho, pulavam corda, brincavam com tocos e garrafas de plástico.

Outra coisa indispensável ao homem é a máquina. É ela que faz as coisas que não conseguimos ou que demoraríamos muito para fazer. Digamos que ela substituiu o homem.

A máquina lava, faz ergue, constrói, colhe, planta, transforma, ajuda e até cura. Há máquinas que, ajudam por um lado e destroem por outro. Infelizmente, a tecnologia não é só uma ferramenta usada para o bem, às vezes, pode ser empregada para o mal.

EE Prof^a Nely Carbonieri de Andrade - 4º Lugar (Prosa)

Aluna: Brenda Cristina dos Santos – 8º ano A

RELAÇÃO HOMEM-MÁQUINA

Hoje em dia, o homem necessita de máquina para viver, não que seja obrigado, mas infelizmente, é a forma que o homem evoluiu.

Antigamente, todos conseguiam viver sem os equipamentos eletrônicos, cheios de modernidades, mas por que, agora, desde criança, já se utilizam de produtos tão modernos?

Tanto na cidade quanto no campo há a utilização de grandes máquinas para quase tudo.

A mão-de-obra humana também está sendo trocada por máquinas, por isso existe esse número tão grande de pessoas desempregadas, não só no Brasil, mas no mundo todo.

Até na área de comunicação houve a interferência das máquinas. As pessoas deixam de conversar pessoalmente, de dialogar face a face, para conversarem através de mensagens pela internet ou ligações de celular.

No futuro, como vai ser? Será que nem o prazer de utilizar o lápis e a caneta para escrever iremos ter?

Certamente o uso das máquinas em nossas vidas só irá aumentar.

CAL V - 2016

Vítor Miguel de Souza e Silva – EE Hilmar Machado de Oliveira (6º D)

1º lugar de Poesia

MINHA CIDADE DE GARÇA

Fundada na década de vinte
por Carlos Ferrari
e Labieno Machado,
crescera por conta do café
e de seu pé muito delicado.

O nome “Garça”
deve-se a um velho ribeirão,
mas antes o nome Incas
dera nome a essa Região.

Minha cidade de Garça
o município com céu cor de anil,
cidade de belas praças,
por morar aqui, chego a sentir até arrepio.

Uma cerejeira tão bela como a de Garça não há, não.
Essa celebração curiosa
foi trazida pelos imigrantes do Japão,
e, graças a eles, hoje é uma coisa gloriosa.

Realmente é uma cidade,
uma cidade cheia de qualidade,
formada por um povo trabalhador,
que não se deixa levar pela dor.

Defeitos ela tem,
também qual lugar no mundo não tem?

Mas todos os defeitos são dádivas
se comparados aos encantos
dos corações desses tantos,
que fazem parte dessa pátria gentil,
desse pedacinho de Brasil.

Bem, Garça não é o Rio de Janeiro,
mas essa terra formosa
também merece o título
de Cidade Maravilhosa.

27.08.2016

Natália Conceição Ribeiro, 7º Ano A, da EE Norma Mônico Truzzi (Jafa)

Tema: Minha cidade Jafa

2º lugar – Poesia

Título: Minha cidade é pequena

Minha cidade é pequena,
mas cabe no coração,
a cultura corre nas veias
de toda a população.

Minha cidade é pequena,
o amor transborda aqui,
a vida é calma , nada de violência,
minha cidade é pequena, mas cabe no coração.

Minha cidade é pequena,
as crianças correm pelas ruas,
brincando de bola, de soltar pipa,
sem se preocupar com os carros.

Minha cidade é pequena,
E, como todas as outras,
ela tem problemas, nada que o amor não resolva
minha cidade é amor!

Minha cidade é paz,
minha cidade é cultura,
minha cidade é amor,
minha cidade é Jafa!

Minha cidade é pequena,
dizem que seu nome significa
o brilho do sol, já que aqui
o sol parece ser diferente.

Eu amo a minha cidade,
onde eu cresci, aprendi;
e se hoje eu sou quem sou,
minha cidade me ajudou!

27.08.2016

ESCOLA SESI DE GARÇA

Nome: Natally Yasmin R. B Lima – 6º ano

3º lugar - Poesia

MINHA CIDADE

Garça cidade que foi fundada
E seu nome foi-lhe dado
Graças a Carlos Ferrari
E Labieno da Costa Machado

Garça cidade de águas limpas
Cidade de belos rios
Onde havia as mais belas aves
De onde seu nome surgiu

Garça cidade de Ferrarópolis
Cidade de Labienópolis
Cidade antes dividida
Hoje cidade unida

Garça antes Capital do Café
Hoje polo industrial
O que nos mantém em pé

Garça cidade que tem cultura
Festas e eventos:
Festa da Cerejeira
Envolvendo a sociedade Nipo-Brasileira
Festa das Nações
Envolvendo países e tradições

Nesses breves versos
Finalizo meu relato
Sobre a minha cidade
Símbolo de amor e prosperidade.

28.08.2016

Aluno: Daniel Alexandre Limpo Fagundes - 8º ano C, da EE Hatsue Toyota

1º lugar – Prosa

A Fantástica Cidade de Garça

- Onde eu estou? - perguntou um carioca de nariz empinado, com cara de bravo, só que ao mesmo tempo com dúvida.

- Olá, meu nome é Matheus, e o do senhor? – perguntou um menino se aproximando do carioca.

- Meu nome é Alexander Teixeira Pinto e vim ver a indústria da minha família, mas pensei que Garça fosse maior e mais elegante, não isso que vocês chamam de cidade.

- Desculpe-me, senhor Alexander, mas Garça não é desse jeito que você fala; sim, Garça é pequena e não tem esses negócios de Shoppings e essas coisas, mas Garça tem suas belezas naturais, tem o Lago Artificial, onde todo ano acontece a Festa da Cerejeira, uma das melhores da região, e até pessoas de fora vêm a ela.

Garça possui a EMCA, uma das melhores escolas de cultura artística do Brasil, o nosso belo teatro municipal, sem contar nossa Biblioteca Municipal que têm vários livros legais, ela é considerada biblioteca modelo em todo o Estado.

Garça só tem quarenta e quatro mil habitantes, isso você acho em um bairro de sua cidade, mas nossa população não é comum. Lógico que não são todos, mas há vários garcenses que são solidários, como o Túlio, um idoso que tinha um projeto legal aqui em Garça: ele ensinava futebol para crianças e adolescentes que não tinham condições de pagar uma escolinha de futebol. O Túlio não só ensinou futebol, ele ensinou seus alunos a serem homens de verdade.

Quando Matheus acabou de falar, ele viu que Alexander estava espantado, não querendo acreditar que uma criança soubesse tudo isso.

- Como você sabe tudo isso? - perguntou Alexander.

- Eu sei de tudo isso por causa das nossas boas escolas e nossos bons professores que querem nos ensinar, apesar da maioria dos jovens de hoje não querer saber de estudos. Mas eles não pensam que sem os estudos não somos nada, e vamos continuar sofrendo e sendo roubados pelo governo, com o aumento de preços dos alimentos e a falta de empregos.

Ah, Garça também é conhecida pelo seu plantio de café e suas indústrias eletroeletrônicas, como a PPA, a Motil entre outras.

Quando Matheus acabou de falar, Alexander deu um sorriso, disse tchau, e foi ver as belezas de Garça.

Meses depois Alexander trouxe sua família para morar na nossa fantástica cidade de Garça.

28.08.2016

Giovanni Pereira de Menezes – EE Nely Carbonieri de Andrade

2º lugar de Prosa

GARÇA

Garça, cidade maravilhosa, a cidade onde tive Paz.

Para muitos, a cidade maravilhosa é apenas a cidade olímpica: o Rio de Janeiro.

Para minha pessoa Garça é uma cidade maravilhosa, sempre gostei de Garça, nasci em São Paulo e lá morei com meus pais até os 8 ou 9 anos de idade.

Posteriormente mudei-me para Garça, com minha irmã, para morar com minha avó por motivos pessoais, deixando os meus pais. Daí em diante foi quando uma nova rota foi tomada em minha vida...

Já ouviu falar na palavra sossego? Foi o que houve comigo nesta cidade que estou descrevendo. É muito estranho não ouvir mais aquelas buzinas constantes do trânsito, não ter que sair de casa com 2, 3 horas de antecedência, para ir a um lugar perto, não precisar ter medo de ladrões, apesar que isto é algo que está voltando a me dar medo.

Sempre quis saber como surgiu Garça, e vim descobrir que a mesma foi fundada em 04 de outubro de 1924, sendo um dos municípios que entrava no ciclo do café no século XX. A instalação como município se deu em 05 de maio de 1929, sendo denominada como Incas, posteriormente como Italina, recebendo finalmente a denominação de Garça, devido a um ribeirão que cruzava o nosso “futuro” município.

Hoje em dia Garça conta com uma escola chamada EMCA, que disponibiliza aulas de instrumentos musicais, dança e teatro.

Não podemos nos esquecer das Festas das Cerejeiras que proporcionam ao município a homenagem à colônia japonesa.

Com esse e outros grandes eventos, anualmente em Garça passam 200 mil turistas, para se encantar com nosso belo município que em 2015, segundo o IBGE, contava com um pouco mais de 45.600 habitantes.

Garça é uma cidade que quero guardar em minhas memórias. Infelizmente o roubo, o tráfico e o uso de drogas vem aumentando em nosso município, trazendo medo e tristeza aos habitantes, principalmente os de longas datas que se lembram daquela “velha” estação de trem que hoje é tomada por usuários, mas antigamente todos almejavam andar de trem e contagiar com a sua felicidade.

Ouvir os cobradores de trem notificando os passageiros com sua locução “Terrinha” “Garça”. Infelizmente não tive como prestigiar esse momento, mas os velhos habitantes felizmente guardam em suas memórias esta linda história, que hoje é passada de pai para filho, de avó para netos, e assim vai uma grande história.

A respeito de tudo o que vem acontecendo em Garça levo em consideração uma coisa: tudo o que acontece de ruim nesta vida é para melhorar!

27.08.2016

3º lugar – Prosa

Um dia sabendo sobre Garça

Em uma bela tarde, passeando no Lago Artificial de Garça, avistei uma senhora de aproximadamente 69 anos e a chamei para conversar um pouco sobre a cidade, nos apresentamos, sentamos e começamos a dialogar:

- A senhora mora aqui há muito tempo?

- Sim, sim, conheço várias histórias a respeito.

- Que legal, poderia me contar um pouco?

Então a senhora Laura começou a contar sobre a cidade:

- Dr. Labieno da Costa Machado com uma caravana em 1916 partiu do município de Campos Novos Paulista e se instalou em terras ainda selvagens, às margens do Rio do Peixe. Então perceberam um novo afluente e mudaram o rumo, chegando ao Ribeirão da Garça. Como a terra era fértil deu origem a uma fazenda. Em 04 de outubro de 1924, Dr. Labieno fundou a cidade de Garça, porém essa fundação deve-se a duas pessoas: Labieno (Labienópolis) e Carlos Ferrari (Ferrariópolis). Labieno e um grupo começaram a demarcação de um local; verificando-se que ali era terra boa, começaram um plantio agrícola.

Em 1926 Ferrari, que era fazendeiro, loteou uma gleba de terra e a vendeu por preço módico. A cidade foi colonizada por essas duas figuras, a rivalidade começou, e o acordo era que, se um colono de Labienópolis pisasse em Ferrariópolis, corria perigo e vice-versa. Mesmo com essas brigas a cidade não parou de crescer, sendo conhecida nacionalmente e internacionalmente pela sua produção de café. A instalação do município foi na data de 05 de maio de 1929. Em 2016 completando 87 anos de histórias fantásticas.

Hoje contamos com a cultura japonesa, exposta em esculturas, localizadas no Lago Artificial “J.K. Williams”; contamos também com a Festa da Cerejeira. Garça tem uma sede educacional ótima, como a Fatec Garça e o Centro Paula Souza. E foi assim que Garça surgiu, cresceu e vai continuar crescendo. Sua história jamais deve ser esquecida pelos mais de 45 mil habitantes.

- Linda história, muito obrigada por compartilhar isso comigo, agora vou contar para minha família a trajetória da minha cidade de Garça.

28.08.2016

CAL VI - 2017

ENSINO FUNDAMENTAL – 5º A 7º ANO

ESCOLA: EE Hilmar Machado de Oliveira
ALUNO: Vitor Miguel de Souza e Silva - 1º lugar
SÉRIE/ANO: 7º Ano

Histórias do meu bairro

Meu bairro chama-se Paineiras
Uma árvore típica da região,
Batizou esse pedaço de Garça
Por ele sinto paixão.

Grande ele não é
Mas não é parado,
Movimento para quê!
Ninguém precisa de um lugar agitado.

Problemas ele tem
Mas quem não erra,
Se tudo fosse perfeito
Qual seria a graça dessa terra?

Um povo vive aqui
Um povo que acorda cedo para trabalhar,
Que luta e batalha
E ao final de cada dia duro
Sabe que o bairro é seu porto seguro.

Muitos locais para brincar
E escolas boas para estudar,
Com bons professores e amigos,
E por isso eu digo,
Esse é o bairro que escolhi para morar.

ESCOLA: EE Hilmar Machado de Oliveira
ALUNO: João Pedro de Carvalho - 2º lugar
SÉRIE/ANO: 7º Ano

O meu bairro em Garça

O meu bairro é muito interessante
Tem lazer, festas e concursos elegantes
O meu bairro não é um dos melhores da cidade,
Mas aqui todos agem com respeito e igualdade.

De histórias no meu bairro
Eu não tenho o que falar,
São histórias interessantes
E também bem populares.

O meu bairro ainda tem,
Muito a melhorar, por exemplo
O asfalto ou a falta da Polícia Militar.

Aqui tem muitas histórias predominantes
Mas a que eu ouço mais falar
É a do lobisomem que já foi visto,
No bueiro ou nas árvores a pular.

Muitos dizem já ter sido atacados
Mas quem vai acreditar.
Além disso não passa de crença popular;

Fechando o assunto,
Meu bairro eu nunca trocaria,
Pois aqui ficam meus amigos
Que serão meus companheiros para o resto da vida.

O nome do meu bairro
Lembra muito minha amiga,
Mariana me dá muita alegria.

ENSINO FUNDAMENTAL – 8º E 9º ANO

EE Hatsue Toyota
lasmim Vieira da Cruz - 1º lugar

No coração de Labienópolis

Em 27 de setembro de 1880, na cidade paulista de São José do Rio Preto, nasceu Labieno da Costa Machado de Sousa, mais tarde fundador da cidade de Garça e em seguida do bairro Labienópolis.

Na infância e na adolescência, morou e estudou em escolas da Suíça, França, Alemanha e Inglaterra.

Apesar de Labieno ter cursado Direito e exercido a profissão, mesmo que por pouco tempo, seu verdadeiro desejo era explorar terras brasileiras. Sendo assim, em 1916 partiu de Campos Novos seguindo o afluente do Rio do Peixe, parando em terras ainda bravias: Garça! E desde então o local não parou de avançar.

O bairro Labienópolis foi aprovado em 1939. Com ele, crescia também a Avenida Faustina, que, na época, apresentava suas primeiras construções, como: hotel, farmácia e armazéns. Segundo um antigo morador, a primeira casa construída é hoje a Avenida Faustina com a rua João Manzano. Outra construção importante para o bairro é o Casarão de Labieno, construído entre 1918 e 1922, todo em madeira. Suas características são de deixar qualquer um boquiaberto.

Minha chegada no bairro foi em 2013 e nunca procurei saber sobre sua história até pouco mais de um ano. Conhecendo melhor onde moro pude perceber que o silêncio, a calma, sua localidade e as construções como supermercados, oficinas, mercearias, posto de saúde e de gasolina, escola, igreja privilegiam o local.

Atualmente quem passar pela rua 7 de Setembro consegue visualizar o patrimônio de Labieno, que hoje é ocupado pelo Clube da 3ª Idade, após algumas reformas. Labieno da Costa Machado faleceu no fim da década de 60, em São Paulo, deixando na cidade de Garça um bairro que cresce mais a cada dia e uma magnífica história.

Por isso acredito que por trás de um grande bairro, há sempre um grande fundador.

EE Hatsue Toyota
Thamirez Guedes Gonçalves de Oliveira - 2º lugar

Jardim Brasil e sua história

Jardim Brasil, meu bairro, é considerado novo em relação a outros bairros existentes na cidade de Garça, porém por ser conhecido como próximo ao cemitério, muitas pessoas comentam que não morariam ali por este motivo, mas sabemos que é indiscutível essa questão. Devido algumas repúblicas instaladas no local o silêncio não é a principal característica do mesmo, todavia, não deixa de ser um lugar agradável para se viver.

A história deste bairro é interessante, o loteamento deu-se no início do ano de 1998. No começo existia uma corrente de águas cristalinas, cuja existência foi interrompida pelo fato da pavimentação. No ano de 2000 foi construída a primeira casa do bairro, no ano seguinte surge então a pavimentação. Naquela época as ruas eram nomeadas por letras. Entretanto, a primeira moradora do bairro disse que a iluminação no local ainda era inexistente. Depois de muitos esforços, ela conseguiu a iluminação elétrica para o local. Neste ano de 2017, Jardim Brasil irá completar 17 anos e ao longo do tempo vem sendo cada vez mais povoado. Sua localização é privilegiada, pois está próximo ao centro comercial de Garça e nos seus arredores existem comércios que favorecem aos moradores. A funilaria Chiquini, MC - materiais para construção, e a Floricultura são alguns exemplos.

Sou muito feliz por ser moradora deste bairro Jardim Brasil, pois o mesmo oferece uma boa qualidade de vida aos moradores.

Nome: Luana Ribeiro de Castro – 9º ano - 3º lugar

Escola SESI de Garça

Morada do Sol

Desde o ventre de minha mãe, eu sou garcense. Nasci em uma cidade que, por muitas vezes, passa despercebida entre as outras, cujo motivo não sei, talvez pelo fato dela se encontrar no interior de São Paulo, mas tenho que admitir, tenho orgulho de dizer que esta é a minha cidade natal.

Garça, que se originou e desenvolveu através de plantações cafeeiras, atualmente é o próprio dono de suas indústrias, fazendo crescer não só a sua economia, mas também o aumento da população, bairros e moradias.

Nasci e cresci na no bairro Morada do Sol, perto da saída de Garça para entrada de Marília. Raras são as pessoas que não o conhecem, então acabou se tornando um bairro “desconhecido” entre elas.

Não sei ao certo a data de seu desenvolvimento, mas com o passar dos tempos, ele foi crescendo, e nós, moradores, sabemos dos benefícios que este bairro traz para nós. Somos privilegiados por creches e escolas, farmácias, mercadinhos, padarias, igrejas e, é claro, espaço para a criançada toda brincar. Diversos campos de futebol, lugares seguros para soltar pipas, brincar em parquinhos e criar as melhores infâncias da criançada.

É importante lembrar que cada bairro é responsável pelo desenvolvimento da cidade de Garça, e de trazer para toda a população, o bem-estar e a segurança. Dê valor no seu bairro, seja ele qual for!

ENSINO MÉDIO

Nome: Isabela Tiepo Frabetti

1º Ensino Técnico Integrado ao Médio em Informática.

Classificação: 1º Lugar

Bairro: Água do Castelo

Bairro onde nasci
aprendi a engatinhar e a andar
e ali eu vivo
até os dias de hoje nesse belo lugar!

Assim te vejo
meu bairro Água do Castelo
tranquilidade aos olhos traz o verde
assim como o azul e o amarelo

Terras férteis ali estão
trazendo sorrisos à população
e a natureza, uma beleza
para toda criação

Meu bairro
guarda todas minhas lembranças
desde pequenininha
desde quando eu era criança

As emoções ali vividas
jamais serão esquecidas
tão lindo aquele lugar
onde aprendo a amar!

Nome: Washington Diego Ribeiro

1º Ensino Médio A.

Classificação: 2º Lugar

A história de Jafa

O que antes era Mata Atlântica
Foi desbravada pelos portugueses
Com muito prestígio e orgulho,
Tornou-se um vilarejo.

Pioneiros com medo de onça pintada
Não largavam da enxada
Para proteger e alimentar suas famílias
Na nossa querida morada.

Naquele tempo as crianças
Brincavam de roda, pique-esconde e dança.
Felizes brincavam todo dia
Até quase morrer de alegria.

José Antônio Xavier foi um dos pioneiros
Junto com João Simplício deu início,
Com muito sacrifício
A nossa querida morada!

E eu que já não sou mais criança
Sei que com muitas mudanças
Aqui é o meu lugar,
Onde verei o Sol raiar,
Eu amo esse lugar!

Jafa não é só mais um distrito,
É a união de pessoas com o mesmo objetivo.
É ajudar o próximo com felicidade!

E mesmo com todas as dificuldades,
Esta, diferente de muitas outras cidades
Cresce a cada dia.
Não só em tamanho,
Mas nas atitudes do dia-a-dia.
Eu amo a minha cidade!

Jafa não só tem seu nome tirado da Bíblia,
Traz a cultura de um povo,
Que diariamente com harmonia
Traz felicidade, amor e alegria!

Agora, conluo e repito novamente:
Eu realmente amo a minha cidade!

Nome: Flávia Alessandra Biazolli de Oliveira
2º Ensino Técnico Integrado ao Médio em Informática.
Classificação: 3º Lugar

João Paulo

O meu bairro tem cultura
Pessoas dançam pela rua
A união no bairro é grande
Sem gente fria e arrogante.

João Paulo é importante
Guarda um belo diamante
Enterrado sob a praça
O povo desacredita e acha graça.

Mas, o bairro é valioso
Por ser belo e grandioso
Árvores gigantes
Com folhagens abundantes.

Flores coloridas
Que colorem nossas vidas
Crianças brincam alegremente
Aproveitando o presente.

E o presente é estar
Morando neste lugar
Ver a natureza
E respirar sua Pureza.

Texto da jornalista Doralice Ribeiro, inspirado em texto de Iasmin lido no XVIII Encontro Poético.

Histórias do meu Bairro: Labienópolis para onde vim e de onde não sai.

Dizer o que de um lugar que conheço cada esquina e que desconheço as ruas que se transformaram na transformação da modernidade?

Já não vejo mais as ruas de chão batido, que eu, juntamente com minha irmã cavoucava para tirar os cacos de vidros enterrados, os pregos, os pedaços de ferro e até latas de óleo (Zillo e Salada). Os cacos, os pregos e os ferros a gente vendia para o carroceiro que passava semanalmente comprando e, com os trocados íamos na venda do Otávio ou no bar do Mário Rocha comprar pão, anil e, se sobrasse, comprávamos uma Maria Mole, um suspiro ou uma geleia. As latas de óleo eram cuidadosamente limpas, abertas e separadas pelo meu pai. Não demorava muito e elas se transformavam em telhados, ou em tampa goteiras. Remendavam as velhas teias que já não seguravam os pingos das chuvas. De nosso colchão de palha ficávamos olhando quantas latas já tinham no telhado.

Já não ouço mais o grito do bucheiro, que apertava aquela buzina vermelha e trazia os miúdos que iam para as panelas de ferro, no fogão a lenha nos dias de domingo. Já não ouço mais o grito do cara do caminhão, vendendo as enfermeiras (galinhas de granja – já passadas da idade), ainda vivas. Meu pai comprava sempre de três ou quatro (saia mais barato) e elas ficavam presas num pau, no chão batido da cozinha e, a medida em que era chegada a hora, minha mãe, tão mansa, tão boa e de repente “tão sem misericórdia”, não pensava duas vezes em “destroncá-las”. Elas agonizavam um pouco, mas para nós (eu e minha irmã) o importante é que comeríamos carne. Na porta de casa comprávamos enxoval, toalha, panela. Comprávamos não. Olhávamos. Olhávamos e nunca podíamos comprar.

São muitos os sons que se perderam e com eles muitas histórias. Hoje ouço o cara da pamonha, o homem do churros, o melancieiro. Hoje tem o dia do ‘oveiro’ passar e ainda têm poucos que se aventuram (diante da crise econômica) a passar pelas ruas, agora asfaltadas. Uns vendem bacias, outros laranja, outros fronhas e lençóis. Têm os que vendem cosméticos e os que fazem a pregação. Trazem o evangelho, nem sempre entendido, nem sempre aceito.

Nossa como meu bairro tem histórias, ou sou eu que as tenho e as vivi em meu bairro? Poucos eram afortunados e ainda assim, ou talvez até por isso, tudo, absolutamente tudo, era motivo de festa. Em dias de velório a alegria era redobrada. Hora de sair de porta em porta a pedir flores para “o anjinho que tinha morrido” ou

para a vizinha ou para o homem. Voltávamos sempre com as mãos cheias de rosas, margaridas, primaveras, dalias, copos de leite, lírios e, muitas vezes até um cravo se fazia presente no buquê. Tudo ficava numa bacia do lado do caixão, num dos cômodos da casa.

Durante “o guardar do corpo”, eram muitas as histórias ouvidas entre os goles de café na caneca de esmalte. E que delícia na hora do enterro. Alheias aos prantos dos familiares, para nós era chegado o momento da apoteose: hora de andar de caminhão. O caixão ia ao centro, no chão e, ladeados, iam aqueles que conseguiam subir e seguir o cortejo. Às vezes parávamos na Igreja Matriz para a missa de corpo presente, mas poucos pobres tinham esse privilégio. O terço, as rezas, os cânticos eram puxados pelas rezadeiras. Uma Kombi, um caminhão (sempre sujo), algumas carroças faziam parte do último passeio. Para nós era momento de festa.

Desconhecíamos a dor, embora algumas vezes chorássemos junto com os familiares. E a vida seguia. Morávamos, onde ainda moro, no Bairro Labienópolis, num território entre a Vila Nova (Araceli) e a Cavalcante (pela separação de uma rua, a Maria Izabel, não aceitávamos que falassem que morávamos na Cavalcante – lugar dos meninos que se encaminhavam para longe dos caminhos da lei. Para nós Cavalcante era só depois da Rua Maria Izabel).

Minha mãe ia para a catação e nos deixava prontas para irmos à escola. Banho tomado – na bacia colocada no meio da sala -, cabelos presos, uniforme (blusa branca, saia cinza com design de quadradinhos). Mas era impossível permanecer arrumada até a hora da aula. Afinal era preciso fazer as disputas com o carrinho de rolimã, ir às árvores que ficavam no fim da Rua Dom Pedro, ‘roubar abóbora’ (não por fome, mas por aventura), brigar com a Bernadete (amiga querida até hoje, depois de 50 anos), caçar gravetos para acender o fogão a lenha no final do dia (essa tarefa era deixada pela minha mãe).

E já, perto da escola, numa das casas do “Velho Labieno”, na esquina da Avenida Faustina, mais aventura nos esperava em épocas de jambo. Era preciso invadir aquele território para saborear aquelas frutinhas tão deliciosas. Os caroços viravam armas usadas no estilingue. A escola Maria do Carmo Pompeu Castro era outro universo recheado de aventuras tudo ali, no meu bairro. Seu Belmiro no portão com seus manjares rosa e sua eterna fala “comprá menina?” aguçava meu desejo, mas raramente sobravam trocos das vendas de cacos, ferros e pregos. Rodeava, olhava, sentia até o sabor, mas o dinheiro não dava. Algumas vezes Seu Belmiro dava uma raspinha de algodão, um pouco de gelinho, um manjar que tinha quebrado.

E entre a tarefa de brigar com um amiguinho e se impor para o outro (só temia os

meninos da Vila Nova), não tinha jeito e não podia se esquivar: tinha que estudar e se divertir. Que delícia explorar aqueles bueiros (hoje perigosíssimos). Um na esquina da Avenida Faustina com a Rua São João. Ali era a porta de entrada e saída depois das voltas dadas sob as ruas, até o dia em que alguém (os meninos da Vila Nova) colocou a grade de volta e não tinha como sair. Aí, não teve outro jeito, se não chorar, pedir socorro para um adulto – que sempre acha que deve contar para os pais da gente – e apanhar (sem essa de Conselho Tutelar). A gente apanhava de fio de ferro, chinelo, galhos de árvore (Brinco de Princesa). A gente apanhava. Chorava (nem sempre) e logo estávamos prontas para a próxima arte.

Mas na escola Maria do Carmo entre as mestras, não há como esquecer as Glórias (Baracat e Bircol – lembro perfeitamente de cada uma) e a amada e temida Dona Lolinha. Aulas de teatro. Dona Lolinha dava aulas de teatro. Fazia Jograis, ensinava a cantar e obrigava a estudar. Mas era tudo tão gostoso. Lembro-me das peças do Jornaleiro e da Formiga, que apresentamos no Colégio das Freiras (Colégio Santo Antônio). Continuava a catar cacos de vidros, mas agora era para comprar papel de seda e encapar as folhas para as apresentações do jogral. Comprava no Mário Rocha ou no Otávio.

E assim o tempo foi passando em meu bairro e, ao passo em que ele foi se renovando, ficando mais jovem, mais belo (?) fui ficando mais velha. Já não tenho mais o vigor da menina que atravessava quilômetros com feixe de lenha na cabeça. Íamos do 'lixão' até a Rua Dom Pedro. Passávamos pela linha férrea em construção, pelo cemitério, ainda pequeno, pelos sítios do Capitão Isaías (que não gostava da gente e reclamava as lenhas de café que pegávamos). Ele não entendia que era nosso gás. Não entendíamos que era sua propriedade e mesmo que ele não usasse aquilo era dele. Precisávamos daqueles paus jogados em seu território e não podíamos ter o pudor de não pegar.

As ruas ganharam o preto do asfalto e não se pode mais cavoucar, embora não sejam poucos os buracos que nelas existem. Sinto saudades das muitas borboletas que voavam e sobrevoavam meu bairro. Algumas vezes vinham acompanhadas ou acompanhavam os beija-flores.

Nas peripécias da infância também era caçadora pelas ruas do Labienópolis. Armadas com uma peneira (que meu pai usava na colheita de café – sempre escondida dele) saíamos para caçar borboleta. Gostávamos das azuis, mas as amarelas e vermelhas também eram lindas. Pegávamos, brincávamos e depois as soltávamos. Era tudo uma festa.

Festa e riso também acontecia quando conseguíamos driblar ‘os caras da carrocinha’. Eles saíam as ruas com aquele caminhãozinho com grades e as cordas na mão. Viravam peões laçadeiros e na mira os cachorros soltos pelas ruas. Laçavam. Pegavam e alheios aos prantos de muitas crianças punham/jogavam na carrocinha e levavam para o triste destino. Hoje sabemos que era o sacrifício, mas na época acreditávamos que fariam sabão, que este era o objetivo da caça implacável.

Cabia a nós, ‘filhos sem mãe’ como diziam, se antecipar, tocar os cachorros, jogar pedra nos caras, soltar as cordas e, num lance de sorte (tive alguns) abrir as grades da carrocinha e ouvir aqueles latidos de liberdade. Era uma delícia, pois ali, naquele momento, os caras ficavam sem saber para onde lançar a corda.

O tempo foi passando e aos 8 anos já não dava apenas para brincar, fazer arte e estudar. Era preciso também trabalhar. O pouco dinheiro ganho com os cacos de vidro, com os ferros e com os pregos já não dava para comprar o pão. As moedas antigas, que mamãe tinha no fundo da gaveta do guarda-roupa, vendemos para o carroceiro, mas não explicamos para a mãe o porque conseguimos, naquela negociata, um valor maior. Ela ficou sabendo, tempos depois, quando precisou dos cobres.

Assim comecei no ofício de pajem da filha da vizinha. Fui auxiliar na catação de café (Cooperativa, Catação do Luís, ‘Nos Peres’). Não podia ser contratada, mas ajudava minha mãe, principalmente quando ela estava na ‘maquininha’. Aí, nesse caso, ela ganhava por sacos de café que limpava. Já na lona, o trabalho era mais coletivo. E o tempo foi passando. Sai do Maria do Carmo e fui para o Juguinho (Hoje Lydia Yvone). Sempre no Labienópolis. Na primeira série (hoje 5.º ano) tive o luxo de estudar à tarde. Trabalhava de manhã. O gostoso era ir para as aulas de Educação Física, com a camiseta e o conga branco (lavados com anil), a saia, também branca, pregueada e o shorts vermelho. Roupas dos desfiles de Sete de Setembro.

Já na segunda série não dava para ficar estudando de dia. Hora de ir para o período noturno e ajudar no orçamento. Minha mãe tinha comprado um fogão a gás e precisava ajudar. Meu pai na roça, minha mãe na catação e eu em casas de família. Continuava seguindo e sendo feliz. Também dei uma passadinha pelo trabalho na roça, ofício do meu pai, mas não fui muito feliz nele não.

Época de conhecer outro comércio. O supermercado Minerva. A Farmácia São Judas Tadeu. A feira do mercadão. Tudo tão diferente do bar do Mário Rocha. Da venda do

Otávio e do Bazar da Dona Divina (que ficava na Avenida Faustina). De lá vieram minhas primeiras bonecas que não eram de milho, sabugo ou porunga. Mas nesses novos lugares eu não achava a linguiça cabo de reio e a carne seca que ficavam penduradas no Otávio. Nesses novos lugares não tinha o manjar do seu Belmiro (não tinha o seu Belmiro).

Meu bairro foi mudando. Os caminhões de boia fria, que em épocas de colheita de café lotavam as ruas, principalmente em frente ao bar do Otávio e na Vila Nova, já não existem mais. O bar e o Otávio também. Agora os poucos trabalhadores rurais têm carteira assinada e são transportados em veículos seguros. Eles usam até equipamentos de segurança.

Na linha férrea, onde muitas vezes brinquei e que era um dos meus territórios, nem mesmo o trem passa por ela hoje. O cemitério ganhou espaço e entre seus moradores está o Capitão Isaias. O café cedeu espaço para os túmulos e o fogão a lenha ficou na lembrança. As argilas e a areia branca que buscávamos para arear as painéis, principalmente as de ferro, desapareceram e hoje, bem mais prático é se deliciar com a diversidade de produtos nas gôndolas dos supermercados.

A fumaça do fogão a lenha só embaça um pouco as minhas lembranças e faz com que os fatos venham à mente de forma desorganizada, mas vivos. Não vejo mais nas ruas as mulheres carregando sacos de palha para encher os colchões e as enfermeiras já vem embaladas e estão nos refrigerados dos supermercados. Das muitas histórias do meu bairro, não são poucas as que esqueci. Umas pela ação do tempo. Outras pela força do pensamento. Estanho. Me lembro das 'pisas' que recebi (do meu pai, da minha mãe). Não me lembro da dor causada por nenhuma delas. Lembro mais da dor do parto do que dos tapas que recebi.

Naquelas ruas de terra batida, cujas casas tinham suas lamparinas e ferros a brasa, nós enchíamos de alegria com tantas brincadeiras. As ruas hoje, tão iluminadas, não tem o brilho que tinha quando, a terra batida era coberta de pés cinzentos. Meninas e meninos que se deliciavam nas brincadeiras de roda, de burica (burca) de rodar peão, queimada, passa anel, balança caixão, pega-pega, duro mole. Eram tantas as brincadeiras que se prolongavam até o cantar incessante das cigarras. Hora de entrar e dormir, cansada e feliz. Ficou somente a tristeza de não ter tirado o retrato com o moço da charretinha e cavalinho (hoje sei que eram pôneis) que mensalmente passava nas ruas do bairro tirando os retratos de quem podia pagar. Eu nunca pude. Trago os flashes na lembrança e são muitas as histórias. Aquelas que me contaram, nas noites longas de conversa com minha avó Idalina, e as que eu vivi.

Labienópolis. Bairro da Cadeia Velha, do asilo, da Estação Velha. Bairro do seu Labieno, da igrejinha do SOS, da escola Maria do Carmo. Labienópolis, bairro cujas ruas, antes de chão batido, foram caminho de viajantes, de vendedores, de sonhadores, de moradores. Muitos por elas passaram e foram em busca de novos horizontes e muitos por elas passaram no retorno ao lar. Labienópolis. Bairro de pobres, de pretos, de boias frias. Bairro de trabalhadores. Bairro que cheguei aos três anos de idade e que posso dizer que é meu. Bairro que não troco, apesar de não ter gostado de muitas das mudanças que aconteceram.